

# Capítulo 4

## **A interface entre prosódia e discurso no inglês como língua estrangeira**

Rodrigo Garcia Rosa  
Universidade de São Paulo

### **1 Introdução**

Neste capítulo, discutimos dados da língua inglesa sobre a relação entre prosódia e discurso a fim de oferecermos uma discussão introdutória a essa área da linguística no âmbito de uma língua estrangeira. Para tanto, iniciamos por uma discussão que tem como objetivo localizar a prosódia em um contexto linguístico maior. A decisão por esse caminho, isto é, o de enquadrarmos a prosódia no estudo geral da gramática, se deve ao entendimento de que poucos materiais direcionados ao ensino de gramática de língua estrangeira fazem referência a aspectos prosódicos como parte integrante de construções gramaticais. Posterior a isso, o capítulo propõe uma discussão das relações gerais entre prosódia e discurso antes de embarcar em uma análise mais pormenorizada de dados da língua inglesa sobre proeminência prosódica.

### **2 Prosódia e a arquitetura da gramática**

Uma tentativa de discussão acerca do papel da prosódia como fenômeno da linguagem humana pressupõe uma revisão da literatura produzida na área que foge, em largas escalas, aos objetivos introdutórios deste capítulo. Ademais, dada a ubiquidade em que tal aspecto da linguagem humana é sentido na comunicação de falantes, o objetivo de caracterizá-lo como um todo seria, mais do que ambicioso, demasiadamente ingênuo. Não obstante, se um escrutínio completo desse aspecto da linguagem mostra-se impraticável neste momento, faz-se especialmente necessário que localizemos a prosódia em relação a outros pilares da arquitetura da gramática, uma vez que trataremos, mais adiante, justamente da relação entre prosódia, gramática e discurso. Sendo assim, da mesma forma que se faz

imprescindível localizar a prosódia em relação aos demais aspectos da gramática, é necessário que explicitemos a visão de língua adotada que, neste caso, privilegia a visão geral da linguística cognitiva.

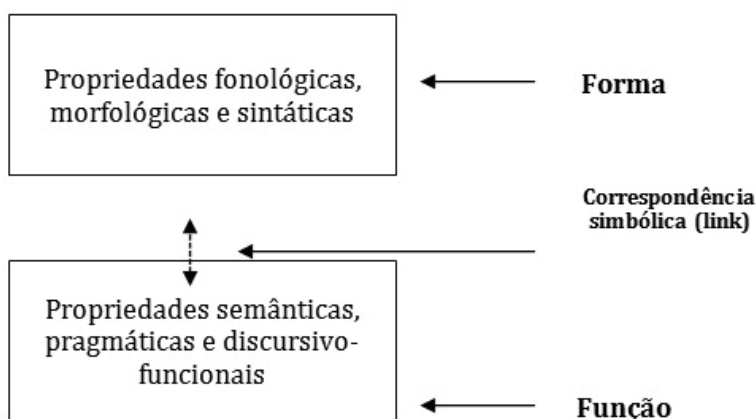
A linguística cognitiva caracteriza-se por ser uma área multifacetada que compreende uma série de subáreas com agendas e arcabouços próprios, como a Gramática Cognitiva langackeriana (LANGACKER, 1987, 2013), a teoria de frames e Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) (LAKOFF, 1987), a teoria de Metáforas Conceituais (LAKOFF; JOHNSON, 1980), a Gramática Cognitiva de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006), entre outros. Entretanto, há posições centrais a essas perspectivas variadas que as unificam sob o mesmo arcabouço e que, como tal, fazem delas teorias e modelos pertencentes a grande área da linguística cognitiva. Aqui mencionaremos duas dessas posições que se mostram mais relevantes para os objetivos de nossa exposição. A primeira delas refere-se ao compromisso cognitivo, isto é, ao compromisso de que o uso e o conhecimento linguísticos não são derivados de princípios cognitivos direcionados única e tão somente à língua, mas sim de princípios gerais da cognição humana como o raciocínio lógico, a percepção, a memória etc.

Ao discutir o compromisso cognitivo e contrastá-lo com a noção clássica de *competência linguística*, Paradis (2003) afirma que, se há espaço para a noção de competência linguística no arcabouço teórico da linguística cognitiva, essa competência deve ser entendida como a capacidade do falante de reunir uma série de competências cognitivas variadas, tais como a associação, a automatização, a esquematização e a categorização, por exemplo, de modo que o falante possa veicular e compreender significados por meio expressões linguísticas específicas e convencionais. Dito de outro modo, sob a perspectiva cognitiva, a língua não pode ser analisada como um fenômeno isolado de outras capacidades cognitivas mais gerais, isto é, para a linguística cognitiva, o conhecimento linguístico é simplesmente conhecimento (GOLDBERG, 1995).

A segunda característica fundamental refere-se ao fato de que, para a linguística cognitiva, a língua é vista como um conjunto de estruturas simbólicas de níveis variados de complexidade estrutural (de fonemas a construções argumentais) que se realizam através de uma função comunicativa em uma comunidade de fala específica. Essa característica faz com que as bases do conhecimento linguístico estabeleçam-se no uso linguístico que fazemos dos símbolos convencionais, isto é, das estruturas linguísticas pertencentes ao inventário de símbolos que compõem a gramática mental dos falantes.

Segundo Bybee (2006), teorias que propõem explicações *baseadas no uso*, termo cunhado por Ronald Langacker para exprimir a relevância do uso linguístico na construção e na manutenção do conhecimento linguístico (BOAS, 2013; BYBEE, 2006, 2013), tratam, resumidamente, do impacto que tem a

experiência linguística de um falante na representação cognitiva e na modelagem da gramática mental de sua língua. Isto é, o conhecimento de língua ou, mais especificamente, a gramática é vista como a organização cognitiva das experiências que um indivíduo tem com sua língua e como essa experiência foi conceptualizada e condensada na forma de símbolos. Símbolos, também chamados de construções, são definidos, por sua vez, como quaisquer padrões linguísticos em que algum aspecto de sua forma ou função não pode ser diretamente previsível a partir de suas partes constitutivas ou de outras construções reconhecidamente existentes (GOLDBERG, 1995, 2006). De maneira esquemática, podemos representar a estrutura de uma construção como na Figura 1.



**Figura 1** Estrutura interna das construções (adaptado de Croft e Cruse (2004, p. 247)).

A organização das construções pode ser exemplificada por uma relação verticalizada em que um polo formal se liga a um polo funcional por meio de uma relação de ligação simbólica interna à construção. Na parte formal das construções especificam-se as suas propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas que, por sua vez, são ligadas a uma interpretação semântica bem como a propriedades pragmático-discursivas próprias dessa construção (intenções dos interlocutores, registro (formalidade e informalidade), questões relativas ao gênero do discurso etc.). Quanto à prosódia, não há razões para acreditarmos que esta foge à regra de ligação simbólica existente entre os polos formais e funcionais, pois ela responde por uma gama de propriedades suprasegmentais pertencentes à especificação fonológica da construção. Além disso, é conhecimento amplamente difundido e aceito que traços prosódicos específicos podem evocar significados distintos em diferentes níveis de complexidade estrutural, isto é, do léxico ao discurso, conforme discutiremos na seção seguinte.

### 3 A interface entre prosódia e discurso

A prosódia, comumente usada como termo alternativo para *fonologia suprasegmental* (CRYSTAL, 2008), abarca uma série de fenômenos fonológicos na cadeia da fala como a duração (*duration*), a intensidade (*loudness*), a altura (*pitch*) e o ritmo. Entretanto, tais características não se restringem ao campo da linguística, podendo ser estudadas por áreas como a física acústica, a biologia e a musicologia (MOTTA MAIA, 1991). Em certas abordagens da fonologia suprasegmental, sobretudo aquelas dirigidas aos fenômenos de interface com o discurso, o termo *prosódia* é reservado para os traços prosódicos que se realizam no âmbito das sentenças, tais como entonação, padrões rítmicos, proeminência e tonicidade. A interface entre traços prosódicos específicos e padrões gramaticais torna a relação entre prosódia e discurso ainda mais evidente, uma vez que de modo geral, diferentes padrões prosódicos servem a propósitos comunicativos específicos e estão subjugados à intenção pragmático-discursiva daquele que comunica.

Na língua inglesa, embora Brazil (1980, 1985) tenha sido pioneiro no desenvolvimento de um arcabouço explanatório que equacionava prosódia e discurso, já havia, antes das referidas publicações, literatura que apontava para tal relação. Entre as principais publicações, destacamos o trabalho de Kenneth Pike (1945) que trata da prosódia do inglês americano fazendo especial menção ao modo como determinados padrões entoacionais são empregados na obtenção de nuances específicas de significado por parte dos falantes. Isto é, Pike descreve como a prosódia pode servir aos propósitos comunicativos dos falantes, que são capazes de alterar o significado pragmático de enunciados valendo-se da prosódia para dar forma a sua atitude e intenção. A obra do autor trata também, de modo especial, de como esses padrões podem ser utilizados no âmbito do ensino de inglês como língua estrangeira.

Além do trabalho de Pike, muitas outras publicações se seguiram a essa e trouxeram informações sobre como os falantes fazem uso de padrões entoacionais para exprimir significados diversos. Halliday (1967) e Chafe (1980) destacam como a prosódia afeta a distribuição informacional do discurso em informação velha e nova. Schiffrin (1987) pesquisa os marcadores discursivos do inglês *oh, well, now, then, you know* e *I mean*, bem como os conectivos *so, because, but* e *or*. A linguista propõe uma análise segundo a qual o significado linguístico dos marcadores é integrado com certas propriedades pragmáticas, dos quais fazem parte padrões entoacionais específicos, na obtenção de suas funções discursivas. No âmbito da análise da conversação, Cutler e Pearson (1986) analisam como padrões prosódicos podem ser utilizados como pistas na troca de turno entre interlocutores.

Na próxima seção trazemos dados da língua inglesa a fim de discutir uma questão de grande dificuldade para aprendizes de inglês como língua estrangeira, isto é, a proeminência.

## 4 Prosódia e discurso: proeminência e construções

De modo geral, proeminência pode ser definida como o nível de distinção de um segmento em relação aos demais em uma sequência (CRYSTAL, 2008). Deste modo, sílabas podem ser mais ou menos proeminentes em relação a outras, a depender de fatores já mencionados como duração, altura, intensidade e/ou sonoridade inerente<sup>1</sup> e como esses são empregados na definição da sílaba mais proeminente entre todas as presentes na palavra. No caso das sentenças, o mesmo processo de segmentação para a localização do elemento prosodicamente mais saliente se mantém, no entanto, ao passo que a palavra se segmenta em sílabas, os enunciados da fala devem ser segmentados, de acordo com a hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986)<sup>2</sup>, no que os autores chamam de *frases entoacionais* (do inglês *intonational phrase*). Frases entoacionais, também chamadas de *thought groups* ou *intonation units* (Gilbert, 1983), caracterizam-se:

- I. Por ter uma estrutura interna semântica e gramaticalmente coerente;
- II. Pela delimitação da unidade a partir de pausas na fala;
- III. Por conter um elemento prosodicamente proeminente.

Por coerência semântica e gramatical, entende-se que as relações mantidas entre o significado (aspecto semântico) e uma sequência de palavras (sintaxe) encontram, na grande maioria das vezes, uma correspondência fonológica por meio de uma pausa. Isso não significa que todas as vezes que tivermos em adjacência duas unidades semântica e sintaticamente coerentes, elas devam ser separadas por uma pausa, mas o contrário tende a ser verdadeiro; isto é, a ocorrência da pausa

---

1 A sonoridade inerente está ligada a como a tonicidade é aplicada a certos itens por características próprias dos itens lexicais e não por regras fonológicas independentes. Segundo Celce-Murcia et al. (2010), além da classe gramatical a qual pertence a palavra, na língua inglesa a origem etimológica da palavra bem como sua constituição morfológica por prefixação ou sufixação são fatores determinantes na aplicação do acento primário. De modo geral, a aplicação do acento primário segue a regra da raiz anglo-saxã da palavra, como ocorre em NEV.er, FATH.er, MOTH.er etc. Casos de aplicação do acento primário de modo diferente ocorrem quando a palavra mantém a acentuação da língua original da qual emprestou a palavra (ba.ROQUE, bi.ZARRE do francês) ou quando a estrutura da palavra é alterada por afixação (emPLOYer vs employEE) (Celce-Murcia et al. 2010, p. 186).

2 Segundo a proposta de Nespor e Vogel (1986), os enunciados são o último nível de uma hierarquia prosódica que se estrutura da seguinte maneira: enunciados > frase entoacional > grupo clítico > palavra fonológica > pé > sílaba.

se dá prototipicamente entre elementos que possuem coerência semântica e sintática interna. Nas palavras de Roach (2009, p. 155):

É muito incomum encontrarmos uma fronteira de grupo entoacional em um local onde a única fronteira gramatical é a fronteira entre palavras. Soaria, por exemplo, excepcionalmente estranho se tivéssemos uma fronteira de grupo entoacional entre um artigo e um substantivo ou entre verbos auxiliares e principais quando estivessem adjacentes [...]³

Vejamos um exemplo, em (1), retirado de uma gravação de fala espontânea para ilustrar a discussão.

(1) and then nearer to the front || on the left | there's a bit of forest | coming down to the waterside || and then a bit of a bay (ROACH, 2009, p. 132)

As barras verticais duplas estão sendo usadas para caracterizar fronteiras entre frases entoacionais com uma pausa, ao passo que a barra única ilustra somente uma fronteira. Tomemos como exemplo de análise a unidade *on the left*. Como vemos, trata-se de um sintagma preposicional sintaticamente convencional [<sub>PP</sub> on [<sub>DP</sub> the [<sub>NP</sub> left]]] e que desempenha a função de adjunto adverbial do VP *there's a bit of forest*. Do ponto de vista semântico, o sintagma veicula parte da informação de localização espacial que se pretende narrar com a cena nucleada por *there's a bit of forest*. Portanto, fonologicamente, *on the left* pode ser caracterizado como uma frase entoacional, pois é delimitado por fronteiras semântico-sintática claras, mas não necessariamente por pausas.

Ainda sobre pausas que, aliás, compõem o segundo dos critérios elencados para a segmentação de frases entoacionais, acabamos de ver que critérios semântico-sintáticos podem ser utilizados como balizadores dos contextos em que elas ocorrerão. Entretanto, na grande maioria dos casos, a ocorrência de pausas dependerá de condições impostas pela intenção pragmático-discursiva dos falantes, ou seja, ainda que critérios formais possam ser usados na localização das pausas na cadeia da fala, a realização da pausa ainda dependerá fortemente das intenções comunicativas dos falantes. Por exemplo, observe o excerto de diálogo (2) e tente identificar onde poderiam ocorrer pausas.

3 Original: "It is very unusual to find a tone-unit boundary at a place where the only grammatical boundary is a boundary between words. It would, for example, sound distinctly odd to have a tone-unit boundary between an article and a following noun, or between auxiliary and main verbs if they are adjacent [...]"

(2) **Dave:** Do you remember when we used to stay up all night studying for the exams?

**Howard:** Do I ever! Finals week was so bad that we'd drink coffee by the gallon. (CELCE-MURCIA, 2010, p. 222)

Na fala de Dave, poderíamos ter de uma até três frases entoacionais a depender dos locais que podemos aplicar uma pausa. No caso de *uma* frase entoacional, o enunciado seria produzido de uma única vez sem que nenhuma pausa fosse colocada em sua estrutura interna. No caso de *três*, teríamos a seguinte segmentação:

(3) **Dave:** Do you remember (||) when we used to stay up all night (||) studying for the exams?

As barras com parênteses significam que apesar de poderem ocorrer nesses contextos, as pausas não são obrigatórias. Logo, o número de frases entoacionais e, conseqüentemente, de pausas dependerá do momento em que o enunciado for proferido e das intenções de quem o produzir. Já no caso da fala de Howard, a estrutura sintática do enunciado impõe restrições sobre a aplicação das pausas, havendo a necessidade de pausa em, pelo menos, dois locais:

(4) **Howard:** Do I ever! || Finals week was so bad || that we'd drink coffee (||) by the gallon.

Para notar a estranheza que causa a falta dessas pausas, tente pronunciar o enunciado de uma só vez e preste especial atenção na forma como essa realização atenta contra a interpretação de partes do enunciado. No primeiro caso, a ausência da pausa poderia causar uma estranheza semântica ao conduzir os participantes do diálogo, sobretudo o ouvinte, a uma tentativa de interpretação errônea do item *finals*. Não fosse pela presença do morfema *-s* do plural, o ouvinte poderia ser levado a interpretar o adjetivo *final* em um contexto de inovação em que a palavra estaria sendo empregada como um verbo. Essa interpretação é reforçada pela primeira sentença, que tem forma canônica de uma interrogativa. No segundo caso, temos o exemplo de uma subordinada adverbial consecutiva (*so* + adjective/adverb + *that*-complement) em que a oração encaixada é introduzida pelo complementizador opcional *that* que, se pronunciado, deve ser parte integrante da encaixada e não da oração matriz. Por fim, temos uma pausa opcional que pode segmentar o PP *by the gallon* como uma frase entoacional independente.

Como mostram os exemplos acima, em muitas ocasiões, a utilização da pausa depende dos propósitos comunicativos dos participantes do discurso. Roach (2009) exemplifica essa variabilidade inerente à pausa ao discutir o modo como

certos profissionais versados em oratória como, por exemplo, políticos e filósofos, podem se valer da pausa, até mesmo colocadas em contextos pouco prováveis, como estratégias comunicativas. Segundo o autor, a utilização de pausas em contextos improváveis abre menos possibilidades de que esses oradores sejam interrompidos em uma exposição. Celce-Murcia et al. (2010) também discutem como a pausa pode ser utilizada por políticos como uma estratégia comunicativa, mas nos exemplos dos autores, são mencionados os casos em que a pausa tem um objetivo de enfatizar as partes da mensagem de modo a torná-la mais clara e memorável. Esse é o caso da clássica frase do ex-presidente americano Barack Obama *Yes || we || can*.

Algumas outras utilizações da pausa por profissionais vão na direção contrária a daquela usada por políticos. Esse é o caso de algumas frases usadas no fim de comerciais de rádio e TV que informam os consumidores sobre efeitos colaterais do produto, no caso de medicamentos, ou das condições de oferecimento de promoções etc. Esse último é o caso do exemplo a seguir, retirado de uma campanha publicitária do McDonald's na divulgação do sanduíche McGriddle.

(5) || *McGriddle sandwich at participating McDonald's* ||

Em (5), as barras antes e depois da sentença estão sendo usadas para demonstrar que internamente não houve nenhuma pausa. Essa estratégia é usada de modo a poupar o tempo da publicidade com informações que não têm um propósito verdadeiramente publicitário.

Por fim, não podemos deixar de mencionar os casos em que a utilização da pausa se dá como estratégia de comunicação que afeta o nível semântico a ponto de alterar a mensagem pretendida de modo bastante drástico. Esse é o caso do excelente exemplo de Roach (2009, p. 160):

- (6) i) four plus six divided by two equals five  
 ii) four plus six divided by two equals seven

Nesses casos, o local específico da pausa altera o resultado da equação. No exemplo (i), poderíamos representar a equação do seguinte modo  $(4 + 6) \div 2 = 5$ , ao passo que em (ii) teríamos  $4 + (6 \div 2) = 7$ . Ao representar as sentenças com as pausas teríamos o seguinte:

- (7) four plus six || divided by two || equals five  
 four || plus six divided by two || equals seven



Dos critérios levantados na identificação das frases entoacionais, discutimos os dois primeiros, isto é, a coerência semântica e sintática de unidades para a delimitação das frases entoacionais e o papel da pausa nessa tarefa. O último critério, ou seja, “conter um elemento prosodicamente proeminente” pode soar como uma matrioska conceitual, uma vez que estamos justamente tentando definir o que é proeminência, mas como dissemos, a proeminência em nível discursivo depende de elementos hierarquicamente mais elementares.

Como já mencionado, o termo *proeminência* pode ser largamente utilizado para caracterizar sílabas prosodicamente mais salientes em relação a outras em uma palavra. No âmbito dos enunciados, a proeminência depende basicamente de três fatores para governar a sua ocorrência, isto é:

- i) a distribuição informacional nos enunciados;
- ii) partes informacionais enfáticas;
- iii) ênfase para efeito de contraste.

Além dos fatores acima, para os quais utilizaremos a discussão contida em Celce-Murcia et al. (2010), discutiremos brevemente alguns casos de construções específicas em que a parte formal das construções, isto é, sua especificação fonológica, exige uma descrição de sua prosódia. Em outras palavras, discutiremos algumas construções da língua inglesa que têm contornos prosódicos (do inglês *prosodic contour*) específicos.

#### 4.1 Proeminência e a estrutura informacional

Como já mencionado diversas vezes até aqui, a relação entre prosódia e discurso é uma relação íntima e quase interdependente em alguns casos. No que se refere à estrutura informacional das sentenças, Chafe (1980 *apud* CELCE-MURCIA et al. 2010) traça uma correlação importante entre o status prosódico de certas frases entoacionais e sua estrutura informacional que não podemos deixar de mencionar. O linguista americano chama atenção para o fato de que palavras que carregam informações velhas ou que são semanticamente previsíveis, também chamadas de **tema** ou **tópico**, são marcadas por alguns traços prosódicos específicos, como a ausência de acento, e são frequentemente pronunciadas com um baixo *pitch* (altura). Por outro lado, informações novas e semanticamente imprevisíveis são marcadas pela presença de um **acento marcado** (do inglês *strong stress*) e por uma realização mais vigorosa do *pitch*. A informação nova normalmente recebe o nome de **rema** ou **foco**. Para ilustrar essa relação, observemos excertos de diálogos, mas como proposto em outras circunstâncias, antes de discutirmos os dados, tente realizar a distribuição de informações velhas e novas neste diálogo.

(8) A: Julia made us tacos.

B: Chicken tacos?

A: That's right. Chicken tacos, with green peppers and onions. Red onions

Em (8), a análise dos enunciados nos mostra que o falante A oferece a B a informação, nova nesse caso, de que Julia preparou *tacos* para ambos. A simples menção do nome Julia, sem nenhuma explicação mais específica, nos faz entender que essa pessoa é alguém conhecida por ambos os participantes do diálogo. Logo, a sua identidade é previsível e já conhecida. A informação nova, nessa caso, recai sobre o predicado da sentença representado por *made us tacos*. Em termos prosódicos, a primeira sílaba de *tacos* receberá a proeminência dessa frase entoacional. Seguindo com o diálogo, B faz uma pergunta sobre o tipo de *taco* que Julia preparou. Ao dizer *chicken tacos?*, o falante dá à palavra *tacos*, que no turno anterior havia sido analisada como a porção nova de informação, um status de informação velha, já partilhada, e o acento, nesse caso, recai sobre o ingrediente de que os *tacos* são feitos, isto é, *chicken*. Por fim, temos uma descrição mais detalhada por parte de A a respeito do prato feito por Julia. Nesse momento, B já está ciente de que Julia preparou algo, que esse algo é *taco* e, com a expressão *that's right* de A, o ingrediente principal do *taco* é esclarecido, isto é, *chicken*. Nessa parte do diálogo, as informações novas ficam por conta dos ingredientes que acompanham o *chicken*, ou seja, *green peppers* e *onions*. O interessante é notarmos que o próprio A transforma uma informação recentemente oferecida como nova em informação velha no instante em que especifica o tipo de *onion* utilizada no prato. Nesse momento *onion* acaba de se transformar em informação já compartilhada e *red*, o tipo de cebola usada, passa a ser a porção nova de informação. Desse modo, o diálogo terá a seguinte realização prosódica (as partes em caixa alta exemplificam as partes proeminentes):

(9) A: Julia made us TAcos.

B: CHICKEn tacos?

A: That's right. Chicken tacos, with GREEN PEPPERS and ONIONS. RED onions

Discutidos os casos em que a estrutura informacional e a prosódia operam conjuntamente nos enunciados, passamos a seguir aos casos de partes informacionais enfáticas e contrastivas.

## 4.2 Acento enfático e contrastivo

Embora não tenham exatamente as mesmas razões de ser ou aplicações no discurso, trataremos do **acento enfático** (do inglês *emphatic stress*) e **contrastivo** (do inglês *contrastive stress*) conjuntamente por entendermos se tratar de fenômenos de natureza correlata.

O acento enfático, como o próprio nome diz, é utilizado como uma estratégia de ênfase que o falante pode utilizar para atribuir a dada parte informacional de seu enunciado. Segundo Celce-Murcia et al. (2010), há uma certa confluência entre a realização de acentos enfáticos e remas, isto é, na maioria dos casos em que o falante atribui ênfase prosódica a uma parte da sentença, essa traz informação nova. Porém, em casos de acento enfático propriamente ditos, a força de ênfase e proeminência pode ser maior do que aquela exibida em partes que simplesmente possuem informação nova. Vejamos um exemplo em (10).

- (10) A: What do you think of this dress?  
B: It fits you.

A depender da parte enfatizada por B, diferentes informações podem ser veiculadas. Suponhamos que B tivesse enfatizado *fits*. Nesse caso, B talvez estivesse querendo enaltecer o quão apropriado o corte do vestido era para A. Dito de outro modo, B enfatiza que o vestido acomoda-se de maneira adequada às formas do corpo de A. Se porventura B decidisse enfatizar *you*, talvez quisesse comunicar que o vestido parece ter sido feito exclusivamente para A. Com essa ênfase, entendemos que o vestido poderia não ser apropriado para ninguém além da pessoa de A. Assim, poderíamos ter a seguinte configuração:

- (11) A: What do you think of this dress?  
B: It FITS you / It fits YOU.

É interessante notarmos que o português e o inglês podem usar estratégias diferentes de comunicação no que se refere à atribuição de ênfase. Veja o exemplo em que dois interlocutores trocam agradecimentos.

- (12) A: THANK you.  
B: Thank YOU.

A troca de agradecimentos acima sugere que B é, na verdade, aquele que se sente favorecido por uma ação desempenhada por A de modo que ele é aquele que deve agradecer. Em português, temos alternativas diferentes, em (13) e (14).

- (13) A: Obrigado.  
B: Obrigado voCÊ.

- (14) A: Obrigado.  
B: EU que agradeço.

É interessante notarmos que, em português, essa troca de agradecimentos também se vale de estratégias prosódicas para atribuir ênfase, no entanto, diferentemente do inglês, o português também faz uso de outras estratégias lexicais, com a inclusão da palavra *voce*, ou até mesmo diferentes estratégias fraseológicas, com o uso de um fraseologismo próprio desse contexto comunicativo, isto é, *eu que agradeço*.<sup>4</sup>

O segundo tipo de acento de que trataremos é o contrastivo. Como explicitado pelo nome, trata-se de uma estratégia prosódica que o falante usa para contrastar dois ou mais pontos informacionais no enunciado, como vemos em (15):

- (15) Was it the RED or the YELLOW pepper that she used?

Na sentença de (15), o falante atribui proeminência por meio do acento em duas partes do enunciado a fim de contrastá-los e de obter a informação desejada. Nesse caso, as partes em contraste estão explícitas no enunciado, mas nem sempre o acento contrastivo ocorre dessa forma, como podemos ver em (16):

- (16) I promise I didn't tell Mary you ate the last piece of chocolate cake.

Nessa oração, há uma série de possibilidades de ênfase por meio do acento contrastivo, mas em nenhum dos casos, o elemento com o qual a parte proeminente se contrasta está explícita no enunciado. Vejamos algumas das possibilidades.

- (17) i. I promise I didn't tell MARY you ate the last piece of chocolate cake.  
ii. I promise I didn't tell Mary YOU ate the last piece of chocolate cake.  
iii. I promise I didn't tell Mary you ate the LAST piece of chocolate cake.

Em (17i) a ênfase recai sobre o objeto de *tell*, isto é, Mary. Com essa proeminência, o contraste sugere que o enunciador jura não ter contado para Mary, mas não garante que ninguém além dela tenha sido informado. No caso de (17ii), o enunciador coloca o elemento *you* como proeminente, o que sugere que alguém

4 Há a possibilidade de utilização de uma estratégia sintática de clivagem do sujeito para efeitos enfáticos como em *sou eu que agradeço*.

tenha comido o bolo, mas que a identidade de quem o fez tenha sido mantida em segredo. Por fim, em (17iii) o enunciador sugere, com a proeminência posta em *last*, que ele contou a Mary que seu interlocutor comeu o bolo, mas nenhuma referência foi feita ao fato de se tratar da última fatia. Em todos os casos, os elementos proeminentes estão em contraste com um elemento que deve ser inferido pelo interlocutor. Desse modo, diferentemente do primeiro tipo de contraste, aquele em que os elementos em contraste estão explícitos no enunciado, nos casos de (17i) a (17iii), temos um contraste implícito.

Como dissemos no início desta seção, tínhamos o objetivo de discutir os três fenômenos que governam a atribuição de proeminência, isto é, a distribuição informacional em informação velha (tema) e nova (rema), a utilização de acento enfático e a atribuição de acento contrastivo. Para terminarmos, mencionaremos brevemente dois tipos de construções em inglês em que a proeminência parece ser parte da estrutura formal dessas construções.

### 4.3 Construções exclamativas e clivagem

O inglês, assim como todas as línguas, dispõe de construções gramaticais em que contornos prosódicos específicos são parte formal das construções; entretanto, embora tais características prosódicas possam ser evidentes para falantes proficientes da língua, o mesmo não pode ser dito de aprendizes de uma língua estrangeira, principalmente se pensarmos que na grande maioria das vezes, os materiais destinados ao ensino de gramática de língua estrangeira nem sempre fazem menção explícita a questões relativas à prosódia de certas construções. É com base nessa ideia que expomos abaixo duas construções da língua inglesa em que a prosódia é marcadamente saliente. A primeira delas, chamada de *Antitopic Exclamative* por Michaelis e Lambrecht (1996), é exemplificada em (18).

- (18) GOD it's hot.  
      MAN I'm tired.  
      DAMN you're good.

Nas construções exclamativas em (18), uma interjeição localizada no início da oração, que denota uma espécie de avaliação da parte do enunciador, recebe o acento focal de proeminência ao passo que o resto da sentença que segue é caracterizada com menor força prosódica. Assim como nas exclamativas, em que uma posição sintática está associada ao foco prosódico, nas construções clivadas (do inglês *cleft constructions*), há elementos sintáticos que devem obrigatoriamente ser realizados com um acento focal específico. Vejamos alguns exemplos.

(19) It is the wife who decides.

What I want is a gin and tonic. (HILPERT, 2014, p. 113)

No primeiro tipo de clivada, que Hilpert (2014) chama de *It-Cleft Construction*, o argumento predicativo de *it's*, isto é, *wife* é clivado entre a cópula *is* e a oração relativa introduzida por *who*. A posição em que *wife* se encontra é prototipicamente uma posição de foco e como tal deve receber proeminência prosódica por meio de um acento mais marcado em relação ao resto da sentença. Sendo assim, poderíamos representar a sentença prosodicamente como *It is the WIFE who decides*.

No segundo tipo de clivagem, a *Wh-Cleft Construction*, a organização da informação se dá de forma a interpretarmos a oração relativa *What I want* como a parte da oração que expressa a pressuposição pragmática *o falante quer algo*. A relativa é seguida de uma cópula *is* que serve aos propósitos de ligar a *Wh-cleft* ao seu argumento predicativo, ou seja, *a gin and tonic*. A esse argumento, chamado por Hilpert de *focus phrase*, atribui-se a proeminência prosódica da sentença. Portanto, a representação dessa construção com a proeminência prosódica seria *what I want is a GIN and TONIC*.

Nos casos muito brevemente discutidos acima, bem como em uma gama de outros contextos construcionais, a prosódia pode ser analisada como uma parte integrante do aspecto formal das estruturas.

## 5 Conclusão

Neste capítulo introdutório sobre a interface entre prosódia e discurso na língua inglesa, iniciamos a nossa discussão com o objetivo de localizar o lugar da prosódia na arquitetura geral da gramática. Com base no arcabouço geral da linguística cognitiva, perspectiva da linguagem fortemente enraizada no uso linguístico, entendemos que não há razões para acreditarmos que a prosódia não possa ser vista como um aspecto formal que tem fortes relações com a função que certas construções desempenham no discurso. Em seguida, realizamos uma discussão sobre a relação entre prosódia e discurso a fim de criar um contexto para a análise de alguns dados da língua inglesa que são relevantes para tal interface. Nesse âmbito, analisamos principalmente os contextos em que ocorre proeminência prosódica por meio de uma discussão mais detalhada da relação entre prosódia e a distribuição da informação em temas e remas, assim como os tipos de acento, enfático e contrastivo, e os contextos em que eles ocorrem. Por fim, oferecemos uma breve discussão a respeito de duas construções, exclamativas e clivadas, em que a proeminência prosódica deve ser analisada como parte integrante da interface formal e funcional dessas estruturas.

## Referências

- Boas, H. C. "Cognitive Construction Grammar." In: *The Oxford Handbook of Construction Grammar*, por T., TROUSDALE, G. HOFFMANN, 233 - 252. Nova York: Oxford University Press, 2013.
- Brazil, D. *The Communicative Value of Intonation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- Brazil, D., Coulthard, M. e Johns, C. *The Communicative Value of Intonation in English*. London: Longman, 1980.
- Bybee, J. L. "From usage to Grammar: The Mind's Response to Repetition." *Language*, n. 82 (2006): 711 - 733.
- Bybee, J. L. "Usage-based Theory and Exemplar Representations of constructions." In: *The Oxford Handbook of Construction Grammar*, por T., TROUSDALE, G. HOFFMANN, 49 - 69. Nova York: Oxford University Press, 2013.
- Celce-Murcia, M.; Brinton, D. M.; Goodwin, J. M. *Teaching Pronunciation – A course book and reference guide*. New York: Cambridge, 2010.
- Chafe, W. *The pear stories: cognitive, cultural and linguistics aspects of narrative production*. Norwood (NJ): Ablex, 1980.
- Croft, W.; Cruse, A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- Crystal, D. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. 6 ed. Oxford: Blackwell, 2008.
- Cutler, A., & Pearson, M. On the analysis of prosodic turn-taking cues. In C. Johns-Lewis (Ed.), *Intonation in discourse* (pp. 139–155). London: Croom Helm, 1986.
- Gilbert, J. B. *Pronunciation and listening comprehension*. Cross Currents, 10(1), 53-61, 1983.
- Goldberg, A. E. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

- Goldberg, A. E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- Halliday, M.A.K. *Intonation and Grammar in British English*. The Hague: Mouton. 1967
- Hilpert, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- Langacker, R. W. *Essentials of Cognitive Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013.
- Langacker, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar, Volume I*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.
- Lakoff, G. *Woman, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- Lakoff, G. & Johnson, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.
- Maia, Eleonora Motta. *No reino da fala: a linguagem e seus sons*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 1991.
- Michaelis, L. A.; Lambrecht, K. Toward a Construction-Based Model of Language Function: The Case of Nominal Extraposition. *Language* 72:215-247. 1996.
- Nespor, M.; Vogel, I. *Prosodic Phonology*, Foris, Dordrecht, 1986.
- Paradis, C. "Is the notion of linguistic competence relevant in Cognitive Linguistics?" *In Annual Review of Cognitive Linguistics* (Amsterdam: Benjamin), 2003: 247 - 271.
- Pike, K. *The intonation of American English*. University of Michigan Publications in Linguistics, 1945.
- Roach, P. *English Phonetics and Phonology – a practical course*. 4 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- Schiffrin, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.